SOBRE O AUTOR



FRANCISCO RIBEIRO DA SILVA nasceu em 1940 no conselho de Santa Maria da Feira. É casado e reside na cidade do Porto. Assistente da Faculdade de Letras da Universidade do Porto desde 1976, aí doutorou em Ciências Históricas em 1986. É Professor Catedrático aposentado da mesma Faculdade. Publicou cerca de duzentos títulos sobre temas de História Moderna e Contemporânea, sendo matérias da sua predileção a História dos Concelhos e do Municipalismo, a História do Vinho do Porto e da vitivinicultura duriense, a História da Alfabetização e da Leitura, e, mais recentemente, a História das Misericórdias e Instituições de Assistência. Dos títulos referidos, 16 são livros. Fez dezenas de conferências e comunicações científicas, em Portugal e no estrangeiro (nomeadamente Espanha, Brasil, França, Argentina, Inglaterra e Rússia). Foi Presidente do Conselho Diretivo da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e foi Vice-Reitor da mesma Universidade. Pertence a várias Associações Científicas de Portugal e do estrangeiro. É sócio de mérito da Academia Portuguesa da História, membro correspondente da Academia da Marinha, membro correspondente do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais e, mais recentemente, foi feito membro correspondente do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. Para além da vida acadêmica, tem-se comprometido em movimentos de voluntariado, de sentido humanitário e de assistência, sendo membro fundador de um Rotary Clube e exercendo presentemente cargo de administração na Santa Casa da Misericórdia do Porto.

Introdução

O tema das Irmandades e Confrarias não é um assunto menor. Nem diz respeito apenas à História eclesiástica. Por conseguinte, trazê-lo à Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo não é deslustre nem para esta vetusta e prestigiada Instituição nem para os ilustres Acadêmicos e outros leitores da publicação oficial.

De fato, as Irmandades, Confrarias e Ordens Terceiras, para além do seu papel religioso na promoção do culto e do esplendor litúrgico nas suas Igrejas privativas, desenvolveram várias formas de solidariedade social não só internamente em favor dos irmãos, mas também em prol das comunidades em que estão inseridas. Para além disso, muitas delas lograram lançar infraestruturas educativas de vários níveis de ensino e prestaram e prestam, ainda na atualidade, relevantes serviços na área da assistência hospitalar. Outrora, talvez mais do que hoje, foram centros de sociabilidade e de convivência, não só no dia-a-dia, mas sobretudo por ocasião das festas anuais que cada uma promovia no dia do seu patrono ou padroeira. Sublinhe-se que ainda no século XXI, no Porto, a festa de Nossa Senhora da Lapa, que dura um dia inteiro no primeiro domingo de maio de cada ano, atrai gentes de toda a cidade do Porto e de fora dela, não só para apreciarem a beleza do culto litúrgico e da sempre excelente música sacra oferecida, mas também para contemplar a artística profusão de flores que, aos milhares, adornam o templo.

E se hoje o número de irmãos destas instituições não ultrapassa algumas centenas, outrora contavam-se por muitos milhares. Sirva-nos aqui de apoio e testemunho o Pe. Agostinho Rebelo da

Costa que, na sua conceituada *Descrição Topográfica e Histórica da Cidade do Porto*, escrita em 1788, informa que a Irmandade da Lapa contava mais de 20.000 irmãos¹.

Por outro lado, não era raro encontrar entre os seus dirigentes as figuras mais proeminentes das elites locais. Tal tem sido demonstrado em relação às Irmandades da Misericórdia, mas o mesmo se passava nas instituições congêneres. Neste aspecto, permitam-me que sublinhe a singularidade da urbe portuense: para além da opulenta Irmandade da Misericórdia, cujas origens remontam ao final do século XV, conta com três Ordens Terceiras (São Francisco, Carmo e Santíssima Trindade) e duas Irmandades: a do Terço e a da Lapa. Embora antigas de mais de 250 anos, todas se encontram em franca atividade, abrindo ao culto as suas Igrejas privativas, mantendo, embora com dificuldades, o seu Hospital e, até há pouco, todas tiveram a sua Escola ou Colégio.

A Irmandade de Nossa Senhora da Lapa

Não é minha intenção propor aqui, ainda que em resumo, a História desta Irmandade, mas tão-somente desenvolver um traço que considero fortíssimo da sua identidade, qual é a sua ligação histórica ao Brasil. Por outro lado, tentarei demonstrar que, nesse sentido, foi desde sempre e continua a ser fator afetivo e efetivo para a vivência e o aprofundamento das relações entre os dois países.

E é-o:

Pelo seu Fundador:

Pelo Seminário-Colégio que ele idealizou e a Irmandade que fundou;

Pela mediação de D. Pedro IV (D. Pedro I do Brasil), cujo coração jaz no templo da Lapa.

¹ Agostinho Rebelo da Costa, *Descrição Topográfica e Histórica da Cidade do Porto,* 3ª edição, Lisboa, Frenesi, 2001, p. 104.

Pelas circunstâncias da construção do seu Hospital, em que emerge a figura de Dª Luzia Joaquina Bruce, natural do Maranhão.

Pelos históricos benfeitores luso-brasileiros da Irmandade e da Igreja da Lapa.

A) O FUNDADOR

Na origem da Irmandade da Lapa está o fogoso Padre Ângelo de Sequeira (ou de Siqueira como ele preferia), presbítero brasileiro, natural de São Paulo. Pouco sabíamos em Portugal acerca dos seus passos antes do seu desembarque em Lisboa e sobre os traços da sua personalidade, não obstante ter sido objeto de estudo de alguns autores brasileiros, pelo menos desde 1913.² Mais recentemente, as pesquisas dos musicólogos e universitários brasileiros Diósnio Machado Neto³ e Régis Duprat⁴ vieram em auxílio da nossa ignorância.

Ângelo de Siqueira nasceu em maio de 1707, provavelmente poucos dias antes de ser batizado, o que aconteceu em 12 de maio do mesmo ano, no seio de uma família abastada e dotada de fortes inclinações para a música, na qual corria algum sangue judeu. Era filho de Manuel Lopes de Siqueira e neto de um comerciante do mesmo nome que em 1669 exercia o cargo de Procurador do Concelho na Câmara Municipal de São Paulo.

Seu pai terá nascido em 1661, na cidade de Santos, fundada pelo portuense Brás Cubas, e em 1680, com 19 anos, é nomeado

² 2-Alberto Lamego, *Terra Goytaca à luz de documentos inéditos*, Bruxelas, L'Édition d'Art, 1913. Ver ainda Cônego Paulo Florêncio da Silveira Camargo, *Padre Ângelo de Siqueira e sua época religiosa*, in IV Congresso Nacional de História, 1949, Rio de Janeiro, *Anais*, Rio de Janeiro, Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, 1951, vol. 9, p. 13-115. Segundo informa Diósnio Machado Neto, também Sérgio Buarque de Holanda se ocupou do Padre Ângelo de Siqueira.

³ Conheço por oferta do próprio o trabalho de Diósnio Machado Neto, *O "atalaia" da fé contra as máculas do século: o missionário músico Ângelo de Siqueira,* publicado em Opus (Belo Horizonte. Online), Campinas, v.11. p. 63-97, 2005.

⁴ Ver Régis Duprat, *Música na Sé de São Paulo Colonial*, São Paulo, Paulus Editora, 1995.

mestre-capela da dita vila de São Paulo. O documento de nomeação atesta por um lado que o candidato era pessoa idônea para o cargo, visto que havia estudado música em escola pública. O exercício do ofício de Mestre-Capela permitia-lhe um estatuto social honrado e provavelmente bons proventos. Mas a sua abastança, conhecida e reconhecida, vinha de outras fontes. Menos de um ano decorrido, porém, outrem expulsa-o do cargo. Manuel Lopes de Siqueira não tem outra solução senão recorrer para o Bispo do Rio de Janeiro, munido de cartas de recomendação de várias entidades, como o Senado da Câmara de São Paulo, o Vigário da Vara, os Padres da Companhia, os Carmelitas e outras pessoas prestigiadas. Ganha o recurso e é reintegrado no cargo enquanto o Bispo o entendesse por bem e não mandasse o contrário, mas com o encargo de uma pensão anual em favor do mesmo Bispo de 32\$000 réis. Os rendimentos do cargo não vinham apenas do seu exercício direto, mas também da sua participação musical em festas e atos de culto, cerimônias fúnebres etc. E também do ensino da música. Sabe-se, aliás, que Manuel Lopes de Siqueira desde 1680 dirigia uma escola pública de música e conhecem-se até vários nomes de discípulos seus. Documentos compulsados por Régis Duprat comprovam que era um homem letrado, de caligrafia desembaraçada e que, para além de poder econômico, gozava de reputação social, visto que o seu nome aparece ligado a instituições confraternais de prestígio na vida das quais "participava intensamente".

Entre os seus discípulos contaram-se os dois filhos Manuel e Ângelo, (o nosso Ângelo de Siqueira), que haviam sido educados em Colégio de Jesuítas. Ambos, um atrás do outro, foram mestres de música e dirigentes da Irmandade de São Miguel e Almas. Também substituíram o pai, um após outro, no lugar de mestre-capela da Matriz de São Paulo. Um e outro pediram a ordenação sacerdotal, ainda que em alturas diferentes. Se quanto ao irmão mais velho não se conhecem entraves a essa pretensão, não se pode dizer o mesmo quanto a Ângelo. De fato nas inquirições de genere et moribus desse candidato, necessárias para a recepção do sacramento da Ordem, ficou patente que sua avó materna, Esperança

da Mota, era cristã-nova. Para além dessa "mácula" de que outros familiares foram vítimas mais sofridas, as inquirições de genere et moribus permitem-nos conhecer com mais precisão as suas atividades musicais: era já mestre-capela quando requereu a ordenação sacerdotal, "não só da Matriz senão de todos os conventos da dita cidade e ensinando a solfa, a tanger harpa, órgão e compondo solfas para assistir com musicas as festividades, e porque só ele ensina e tem escola na dita cidade".

Ultrapassadas as questões de sangue com provas "documentais" que arranjou, tomou ordens sacras em 1733, com 26 anos, ano em que abandona o cargo de mestre-escola da Matriz de São Paulo. Aliás, para além de músico, Ângelo de Siqueira era um excelente comunicador, "orador predileto da Câmara da São Paulo". Talvez por isso, embora não tivesse frequentado o curso de leis, mas impregnado do espírito da Ratio Studiorum que conheceu na adolescência, foi autorizado pelo Governador de São Paulo, D. Luís Mascarenhas, a defender causas jurídicas nos tribunais cíveis. Ou seja, foi advogado autorizado sem possuir canudo. E logrou também a nomeação para Juiz dos Resíduos dos Tribunais Eclesiásticos. Mas o seu maior título de glória, do qual se ufanava, era o de "missionário apostólico". Nessa qualidade, a partir de 1736, percorreu toda a região centro-sul do Brasil, pregando e difundindo o culto a Nossa Senhora da Lapa, erigindo Igrejas e Capelas e fundando Seminários para formação de jovens. Como ele mesmo afirma na dedicatória ao Rei D. José da sua obra principal, a Botica Preciosa e Tesouro Precioso da Lapa⁵, publicada em Lisboa em 1754, já havia construído "com

⁵ Botica Preciosa e Thesouro Precioso da Lapa em que como em Botica, e Thesouro se achão todos os remedios para o corpo, para a alma, e para a vida e huma receita das vocaçoens dos Santos para remédio de todas as enfermidades, e varios remedios, e milagres de N.Senhora da Lapa, e muitas novenas, devoçoens, e avisos importantes para os pays de familia ensinarem a Doutrina Chistã a seus filhos e criados. Composta, e Descuberta pelo Missionario Apostolico Angelo de Sequeira, Protonotario Apostolico de S. Santidade, do habito de São Pedro natural da Cidade de S.Paulo dedicada e offerecida ao Serenissimo Rey D. Joseph I deste nome, Lisboa, na offic. de Miguel Rodrigues, impressor do Eminentissimo S. Card. Patriarca, M. CCD.LIV. Com todas as licenças necessárias, e privilegio Real. Outros livros escritos por Ângelo de Siqueira: Livro do Vinde, e vede. E do sermão do dia do juízo universal, Lisboa, Oficina de António Vicente da Silva, 1758. Penitente arrependido e fiel companheiro. Para se instruir uma alma a fazer uma boa confissão sem pejo, Porto, Oficina de Francisco Mendes Lima, 1759.

a protecção real dois Seminários⁶ e 17 Igrejas, umas fundadas de novo, outras reedificadas e quase todas anexas ao padroado régio, e muitos oratórios públicos".

Em altura que desconhecemos surgiu no seu horizonte empreender uma viagem pela Europa. Com que intenções? Ele próprio
nos esclarece que a sua ideia era oferecer ao seu Rei "não os tesouros que os seus patrícios paulistas descobriram, mas a devoção
a Nossa Senhora que com o titulo da Lapa se venera naquela vasta
região". Parece, pois, ter sido a militância pela devoção à Senhora
da Lapa que o fez correr. E acha mesmo que o Rei deve apreciar esse
gesto: "E também parece se faz merecedor da honra desta aceitação hum Americano Portuguez que expos a vida aos descomodos
de hum navio, as inconstancias do vento e a formidáveis perigos do
mar, só por lograr o gosto de vir ver a seu Rey lá de tão longe... e
trazer este tesouro da Mãy de Deos".

Desembarcou, de fato, em Lisboa em 15 de janeiro de 1753, tendo-se demorado aqui por espaço de "um ano e oito meses" até ao dia em que D. Diogo de Sousa, Governador de Armas do Porto, seduzido pelo fascínio do seu verbo convicto e eloquente, o convidou para pregar na cidade da Virgem — o que terá acontecido em setembro de 1754.⁷

Pelo que nos dizem testemunhos da época,⁸ ao Missionário foi oferecido o ensejo de pregar nas diversas Igrejas do Porto e

⁶ De acordo com as informações de Diósnio Machado Neto, esses Seminários foram fundados em Campos dos Goitacazes, Capitania da Paraíba do Sul e no Rio de Janeiro em 1751.

⁷ Cesário Coelho, no seu opúsculo *Venerável Irmandade de Nossa Senhora da Lapa. Factos da sua história*, 2ª ed., Porto, 1973, transcreve um auto de vistoria do terreno cedido pela Câmara ao Padre Ângelo Sequeira, datado de 31 de janeiro de 1754, mas infelizmente não refere a fonte onde recolheu o documento. Se esta data está correta, de duas uma: ou está errado o manuscrito de que nos servimos aqui ou o Padre esteve ocasionalmente no Porto a pregar, antes de se estabelecer definitivamente na cidade.

⁸ Procurando documentos sobre uma determinada figura histórica, deparou-se-nos na Biblioteca da Universidade de Coimbra um manuscrito (nº 1626) intitulado *Notiçia da fundação desta Capela e Irmandade de N. S.ra da Lapa das Confissoens,* por cuja leitura verificamos ter sido escrito em 1763. O manuscrito não é citado em nenhum dos trabalhos que conhecemos sobre a Irmandade da Lapa, embora G.C. Leite, no seu meritório estudo *A Venerável Irmandade de Nossa Senhora da Lapa erecta na Cidade do Porto. Extractos do seu Arquivo. Notas bibliográficas,* Porto, 1939, cite outros da mesma época. Analisado criticamente, entendemos que o manuscrito coimbrão é, na generalidade, digno de crédito. Por isso, aqui deixamos dele notícia e fizemos dele o suporte de algumas notas biográficas.

arrabaldes e o êxito foi tal que depressa os espaços fechados dos maiores templos eram pequenos para tamanha afluência de ouvintes. Recorreu-se então aos Terreiros e Praças públicas. Mas as desordens provocadas pelas disputas dos lugares para melhor ouvir o Orador obrigaram ao cancelamento de pregações anunciadas.

As matérias tratadas na sua parênese deviam ser variadas, mais de pendor moralista do que doutrinal, e o tema da devoção da Virgem da Lapa era recorrente. Aliás, o Pregador fazia-se acompanhar de uma pequena imagem de Nossa Senhora da Lapa, igual a outras que deixara no Brasil. Supomos que a ideia de lhe erguer um pequeno santuário no Porto foi apresentada desde o início aos ouvintes e ganhou corpo logo que as esmolas começaram a ser bem visíveis.

Construir um templo de raiz, mas onde? O missionário empreendedor fazia questão de que o local a escolher dispusesse de certos pré-requisitos: era bom que fosse sítio na periferia da cidade, dele devia avistar-se o mar e ao seu redor deveria existir fartura de pedra e água para mais fácil levantamento da obra.

O Monte de Santa Catarina, nas imediações do chafariz de Vila Parda (fica a 300 metros da Igreja), terá sido a primeira escolha. Aliás, logo aí se começou a cortar e a lavrar pedra para o efeito. Mas, por qualquer motivo que desconhecemos, foi preciso abandonar o projeto. Alguém se lembrou então de oferecer dinheiro para a compra de um campo lá para as bandas da Torre da Marca. Mas também aqui não foi possível a construção. Como o Padre Ângelo de Siqueira não era pessoa para desistir, entrou em conversações com a senhora Dona Antónia Micaela de Souza, moradora na sua quinta em Cedofeita, a qual lhe prometeu resolver o problema.

Junto dela deveria ir o mensageiro do Padre Ângelo em dia aprazado mas, por um engano resultante de haver duas pessoas com nomes iguais, dirigiu-se antes à quinta de Santo Ovídio, onde foi recebido por outra piedosa dama, também Dona Antónia, isto é, Dona Antônia Joana de Azeredo e Albuquerque, casada com o

Contador da Fazenda, João de Figueiroa Pinto. A Senhora estranhou o teor das palavras do mandatário, mas admitiu que, sem seu conhecimento, o marido, na altura ausente em outra sua quinta, tivesse prometido ao Padre algum espaço do muito que possuía ali nas imediações.

Com o auxílio do seu capelão, o Padre Simão Antunes, a senhora certificou-se do equívoco, mas descobriu uma solução: é que junto da quinta de Santo Ovídio havia um monte maninho, propriedade da Câmara, que correspondia às exigências do Missionário. O Monte chamava-se "do Padrão Velho", era dividido a meio por um atalho que efetivamente ia ter a um padrão antigo, onde outrora se erguera um cruzeiro de dez palmos de altura com a imagem de Cristo Crucificado e onde, curiosamente, se esculpira também a imagem do Apóstolo São Tiago, a evocar antigos itinerários de peregrinação jacobeia. Confinava a nascente e a norte com a nova estrada de Braga, a sul com a estrada que ia ter ao chafariz de Vila Parda e ao lugar de Germalde e a poente com os casais de Salgueiros, Fial e Pinheiro.

Sendo logradouro público, mas despovoado, não gozava de grande fama: as muitas covas que por ali havia eram esconderijo de ladrões e não faltava quem contasse histórias brutais de homicídios recentes ali perpetrados. Tão ruins notas não dissuadiram o Padre Ângelo, que conseguiu do Senado Municipal doação inicial de uma área diminuta que depois foi consideravelmente alargada. As limitações impostas pelo Município tinham a ver com a proteção dos canos de abastecimento de água à cidade que, provenientes da Arca d'Água, passavam ali perto.

⁹ Segundo o nosso manuscrito, por volta de 1761, um tal António Pinho, ferreiro, morador na rua de Santo Ovídio, construiu uma outra Capela, no outro lado do monte, à distância de vinte palmos para norte e poente, na qual colocou o padrão em que estava a Imagem de Cristo Crucificado. Esta imagem era conhecida pelo nome de Senhor do Olho Vivo, porque algum devoto lhe havia pendurado uma lâmpada que muitas vezes ardia de noite. Por isso, a Capela ficou conhecida pelo mesmo nome: Capela do Senhor do Olho Vivo.

Não tem, pois, grande consistência a tradição de que o Padre, chegado ao Porto pela primeira vez, ainda dentro do navio, avistara e escolhera definitivamente aquela elevação para a construção da Igreja. Mas para que a Capela tivesse futuro assegurado e a sua manutenção não pesasse à cidade, tornava-se necessário arranjar um fiador que garantisse os custos do culto ou dotar a Capela com bens próprios que Ihe rendessem renda certa. O fiador apareceu: foi o fidalgo D. Lourenço de Amorim da Gama Lobo. Mas não foi necessário, porque dádivas generosas de algumas individualidades e esmolas do povo juntaram depressa a quantia de 800\$000 réis que ao juro de 5% proporcionavam 40\$000 réis anuais — quantia que foi julgada suficiente para libertar o fiador do seu compromisso.

Em 7 de janeiro de 1755 deu-se início à construção. Poucos dias depois, estava pronto um pequeno compartimento onde o Missionário dormia e ouvia de confissão quantos quisessem reconciliar-se, especialmente os que haviam roubado e se dispunham a restituir os objetos mal adquiridos. Por isso, se lhe chamou o "confessionário das restituições". E o pequeno templo depressa foi conhecido como a Capela de Nossa Senhora da Lapa das Confissões.

Um mês decorrido, isto é, no dia 9 de fevereiro seguinte, celebrou-se aí a primeira Missa. Como foi possível tal celeridade? É evidente que a celebração eucarística não exigia que a obra se achasse acabada. Depois, a acreditar no testemunho do Autor do manuscrito que aqui nos serve de fonte, as circunstâncias tornam verossímil a rapidez: a primeira vantagem foi o aproveitamento da pedra que fora preparada e jazia no monte de Santa Catarina. Depois, foi possível congregar o esforço de muitas gentes, a começar pelo comandante (tenente-coronel Vicente da Silva), oficiais e soldados do Regimento de Infantaria da Guarnição da Cidade que se comprometeram nas operações de corte da pedra, terraplanagem e abertura dos alicerces. E muitas pessoas de ambos os sexos, esquecidas "da condição do seu estado", ajudaram no desentulho e nos carretos.

As obras prosseguiram com o mesmo frenesi, tendo a Capela recebido a imagem de Nossa Senhora da Lapa em 10 de março de 1755, dia em que veio em procissão solene desde a Igreja do antigo mosteiro de Santa Clara, onde fora exposta provisoriamente.¹⁰

A colocação da imagem em casa própria fez afluir o concurso de fiéis e com eles as dádivas: azeite, grão, linho, teias, vestidos, roupas, joias, adereços, cordões de ouro. O Fundador já não era capaz de sozinho administrar as ofertas, pelo que se lhe associou o Padre José de Almeida.

Nas celebrações do dia 1º de novembro de 1756, primeiro aniversário do terrível terremoto, o Padre Ângelo pôde dar a primeira bênção papal por indulto apostólico e as esmolas em dinheiro recolhidas nesse dia ultrapassaram os 30\$000 réis. A Capela da Lapa das Confissões, embora humilde e modesta, transformara-se de repente num lugar de peregrinação e afluência extraordinária de público, de que eram testemunho evidente os incontáveis ex-votos, os retratos de "miraculados" e as mais diversas figurinhas de cera.

As entrelinhas do nosso manuscrito deixam perceber uma certa anarquia neste processo, decorrente da inexperiência dos dois padres que depressa se deram conta de que era necessário organizar um mínimo de contabilidade e de registos dos donativos, para

¹⁰ A questão das diversas imagens de Nossa Senhora da Lapa é algo confusa. Supomos que nas suas pregações pelo Norte do País, o Padre Ângelo de Siqueira se fazia acompanhar de uma pequena imagem, a qual terá sido reproduzida e deixada em algumas Igrejas, por exemplo, na então vila piscatória de Esposende. Quanto ao Porto, o manuscrito de Coimbra informa-nos que uma primeira imagem foi colocada na Igreja da Irmandade dos Clérigos, dedicada a Nossa Senhora da Assunção. Mais tarde aparece-nos a notícia de outra imagem depositada na Igreja de Santa Clara, imagem que o Padre mandara fazer "imitando nas roupas ao modelo de hua de piqueno vulto que trazia na sua companhia" e que, por autorização do Bispo Governador do Porto, D. João da Silva Ferreira, fora benzida numa missa celebrada no Oratório da casa de D. Lourenço Amorim da Gama Lobo em 5 de fevereiro de 1754. Como o Oratório era privado, não permitia o livre afluxo de fiéis, pelo que a Imagem foi levada processionalmente para a Igreja de Santa Clara, onde foi colocada no altar do Senhor Jesus e venerada pelo povo do Porto. Será a mesma que esteve na Igreja dos Clérigos? Não parece. Refira-se, no entanto, que na solene procissão da trasladação da imagem para a sua nova Capela, que se realizou a 10 de março de 1755, a Cruz da Irmandade dos Clérigos ocupava posição de destaque.

o que nomearam como tesoureiro o Capitão Domingos Moreira da Silva, primo por afinidade do Fundador¹¹.

A generosidade dos fiéis fez nascer no espírito do missionário a ideia de que o melhor e o mais estável aproveitamento das esmolas seria a fundação de um estabelecimento para educação dos jovens portuenses, o Seminário, como lhe chamou, semelhante aos dois que fundara no Brasil. Obtido o prévio consentimento do Município, deslocou-se a Lisboa para obter a necessária autorização régia. Ao que parece, o seu pedido não foi tomado muito a sério e, por isso, não logrou despacho favorável.¹²

Claro que o Padre Ângelo não encontrou apenas facilidades na sua ação apostólica. A segunda adversidade veio-lhe da maledicência de alguns do povo que ele havia galvanizado. Por um lado, corriam boatos de má administração dos dinheiros ofertados. Por outro, o Pároco da freguesia em que se situava a Capela, a freguesia de Santo Ildefonso, queria ter parte nas dádivas e na sua gestão. O resultado foi o esfriar do entusiasmo popular e a consequente diminuição de receitas.

Mas o missionário paulista era um homem determinado e avançou para a criação de uma Irmandade. A primeira aprovação da fundação foi dada pelo papa Bento XIV por breve de 29 de julho de 1755. Mais tarde, um grupo de quase duas dezenas de leigos sob a liderança do missionário apostólico, requerem ao Bispo do Porto a provisão de ereção canônica da Irmandade de Nossa Senhora da Lapa, a qual foi concedida em 23 de junho de 1757, sendo os estatutos confirmados a 5 de julho do mesmo ano.¹³ A primeira

¹¹ Na árvore genealógica dos Lopes de Siqueira elaborada por Diósnio Machado Neto (*O atalaia da fé contra as máculas do século,* ob. cit.) parece *r*essaltar com evidência o parentesco com os Moreira.

¹² Acrescente-se, no entanto, que a ideia da fundação do Seminário não morreu, visto que, por alvará de 12 de junho de 1792, Dª Maria I autorizou a abertura do dito estabelecimento.

 $^{^{13}}$ Estes primitivos estatutos felizmente ainda se conservam em muito bom estado e bem merecem ser publicados.

Mesa Administrativa era composta por 18 individualidades que, por sua vez, nomearam 52 irmãos para cada um em sua semana receber as esmolas que a generosidade do povo entendia oferecer à Senhora da Lapa. O cargo de topo, o de Diretor, foi concedido vitaliciamente ao Padre Siqueira, como Diretor Honorário. A chefia das funções executivas foi confiada a um Presidente que, no caso, foi o Senhor D. Lourenço de Amorim da Gama Lobo.

A construção da Igreja

A constituição da primeira Mesa Administrativa tornou mais fácil a concretização de um desejo que muito cedo havia conquistado adeptos: a construção de uma Igreja e de casas adjacentes para serviço da Irmandade. Aliás, corria a fama de que o Pe. Ângelo havia lançado a primeira pedra da nova Igreja às 8 horas da manhã do dia 17 de julho de 1756, sem pompa nem solenidade. Se tal tradição é verdadeira, não parece que então a obra tenha passado disso, porquanto em 5 de outubro de 1757 foi encomendado o risco ao Arquiteto Gonçalo Pereira, que logo iniciou os trabalhos, vindo depois a interrompê-los por discordar do modo como a empreitada ia ser entregue. Mas o seu risco terá sido aproveitado pelo Padre Ângelo Siqueira para a construção de uma Capela de Nossa Senhora da Lapa, em Vila Viçosa, para onde se retirara compulsivamente o Governador do Bispado, D. João da Silva Ferreira,14 com quem o Missionário parece ter mantido boa correspondência. Outro Arquiteto, João Clamer Strovel, continuou a obra da Igreja da Lapa.

Entretanto, movido pelo desejo de espalhar pelo Reino o culto a Nossa Senhora da Lapa e talvez pela necessidade de angariar fundos para a construção da Igreja, o Missionário pôs os pés ao caminho, dirigindo-se a Azurara, Vila do Conde, Esposende, Viana do

¹⁴ Ver FERREIRA, Cónego J. Augusto, *Memorias Archeologico-historicas da Cidade do Porto (Fastos episcopaes e políticos*), tomo II, Braga, 1924, p. 325.

Castelo, Ponte de Lima, Braga, Guimarães, Chaves e a algumas comunidades da Galiza, onde pregou como missionário apostólico e inscreveu grande cópia de irmãos, juntando, por essa via, uma boa ajuda pecuniária que entregou na Mesa Administrativa: 1.521\$170 réis! Como o Missionário se fazia acompanhar de um livro para registro dos novos irmãos, e como alguns (talvez a totalidade) desses livros se encontram no Arquivo da Irmandade, é possível reconstituir esse périplo do Fundador e a expansão da Irmandade da Lapa pelo Norte de Portugal.

Quando tudo parecia correr de feição, de novo surgiram nuvens negras no horizonte da recém-fundada Irmandade: nos primeiros meses de 1758, um dos elementos da Mesa Administrativa, o Procurador Manuel Pires, abriu falência no seu negócio, fugindo da cidade, deixando os credores sem nada, entre os quais estava a mesma Irmandade. Esta ocorrência escandalizou muita gente, forneceu armas aos inimigos e detratores e, em consequência, decaíram tanto as esmolas que, nesse verão, foi necessário pedir-se dinheiro emprestado para a continuação das obras, cujo ritmo diminuiu visivelmente até parar por completo. "Estes e outros ocultos dissabores" abriram uma crise na boa harmonia da própria Mesa Administrativa, agravada talvez pela ausência forçada do Presidente, D. Lourenço Amorim de Gama Lobo.

Neste jogo de desafios e respostas, a eleição de Pedro Carneiro de Figueiroa para Vice-Presidente com poderes de Presidente parece ter contribuído para a rápida recuperação do necessário entendimento entre os Mesários, tendo-se encontrado solução para a continuação das obras da Igreja, mediante o contrato a jornal com o Mestre Pedreiro José de Oliveira. Alargaram-se os alicerces, aplainou-se o monte e a 22 de setembro do mesmo ano de 1758 foi possível lançar a base do arco da Capela-Mor.

Quase ao mesmo tempo, entendeu-se necessário melhorar alguns artigos dos Estatutos, tendo-se encarregado dessa tarefa o Irmão Procurador-Geral António Ferreira Gomes. Em 27 de abril de

1759 estavam aprovados internamente, mas só em 23 de abril do ano seguinte foram confirmados pelo Ordinário.

Das entrelinhas do manuscrito que temos vindo a aproveitar, deduz-se que, nos inícios de 1759, as relações entre o Fundador e a Mesa Administrativa eram toldadas por algo de nebuloso. Não dispomos de pormenores (e os documentos conservados no Arquivo não nos ajudam), mas parece que havia terceiros a semear a cizânia e a indispor o Missionário contra a Mesa Administrativa. Provavelmente discórdias quanto à concepção das obras da Igreja.

De qualquer modo, sabemos que em fevereiro o Padre Ângelo de Siqueira, pregando em Trás-os-Montes, havia piorado de uma doença que lhe aparecera anteriormente em Guimarães, cujo tratamento a Mesa Administrativa se oferecera não só para suportar mas insistira com o Missionário para preferir a cidade do Porto para cuidar da sua convalescença. O Padre recusou, mas mandou os livros de assentos de irmãos, acrescentando que a seu tempo haveria de regressar. Que doença era, não sabemos. O que se sabe é que o Padre Ângelo, ainda no Porto, sofrera um ataque de gota que lhe impossibilitou por algum tempo a pregação¹⁵. Sofreria ainda do mesmo achaque?

Ao que parece, a solução do mal-estar passou pela eleição de nova Mesa, o que se verificou em 29 de abril de 1759, sendo eleito Presidente Gonçalo Pinto Monteiro de Azevedo, que acabaria por falecer "de um tuberculo" no ano seguinte. A mesa cessante, antes de ser substituída, prestou contas da sua administração (as receitas haviam atingido níveis razoáveis nunca antes alcançados) e, talvez para desfazer boatos, fez uma esplêndida exposição de todas as peças de ouro, prata, joias, pedras e diamantes, oferecidas pelos fiéis, ornando com elas a imagem da Senhora da Lapa.

Logo que tomou posse, a nova Mesa Administrativa apressou-se a escrever ao Fundador, dando-lhe conta dos acontecimentos. A

¹⁵ Informação prestada pelo próprio no livro *Botica Preciosa...da Lapa*.

substituição parece ter agradado ao Padre Ângelo que, respondendo de Vila Real, não escondia o seu contentamento. Por que? Talvez porque a primeira ação da nova Mesa foi reprovar o antigo risco de João Clamer Strovel e encomendar outro a José de Figueiredo Seixas — ao qual foi solicitado que "fizesse planta de toda a Obra segundo as regras da Arquitetura". Nas coisas menos essenciais, a inspeção correria a cargo de três irmãos eleitos para o efeito, um dos quais era o anterior Vice-Presidente, Pedro Carneiro de Figueiroa. Entretanto, o Missionário continuou por terras transmontanas durante todo o ano de 1759 e parte do seguinte, mas, entretanto, depois da posse da nova Mesa, esteve no Porto para esclarecer uma questão bizarra, fonte de novas tensões.

Verificou a Mesa que o Capitão Domingos Moreira da Silva não só não pagara os juros dos 800\$00 réis iniciais que lhe haviam sido confiados, como, pelo que rezavam duas escrituras, estaria na posse não apenas de 800\$000 réis mas de 1.240\$000. Pelo que a Mesa decidiu cobrar judicialmente os juros desta última importância, não obstante a defesa do primo para assumir a qual o Padre Ângelo se obrigou a descer até ao Porto. E veio afirmar que as escrituras da dívida, para além dos 800\$000 réis, eram fantasiosas e haviam sido forjadas apenas para reforçar o pedido de fundação do Seminário que em tempos apresentara a Sua Majestade Fidelíssima.

Terão os mesários acreditado no depoimento do Fundador? Parece que nem todos, visto que o missionário abandonou a sala desgostoso e muito zangado, indo recolher-se à casa do primo, de onde regressou a Trás-os-Montes passados três dias. Aliás, a ação contra o capitão prosseguiu em Tribunal, vindo finalmente a ser resolvida por composição amigável, na base da dívida de 800\$000 réis. Antes de se retirar, o Missionário deu mostras do seu temperamento impetuoso ao fazer despedaçar a armação que estava feita desde o ano anterior para o Presépio na Capela de Jesus Maria. Mas a zanga não terá durado muito, visto que posteriormente o Missionário continuou a enviar o dinheiro das esmolas que recolhia.

A Mesa eleita em 1760 mandou fazer o primeiro selo da Irmandade, assim concebido: no centro esculpiu-se a imagem de Nossa Senhora da Lapa e ao redor as letras que diziam "Irmandade de Nossa Senhora da Lapa". Entretanto, contratou-se o organista da Sé Catedral, António Ferreira, para organista da Capela da Lapa. Nessa altura, já havia um Coro na Igreja do qual foram excluídas as mulheres "pela indecência que disto se seguia"! Era inevitável que o Fundador não deixasse a sua marca de antigo mestre-capela!

A caminho da estabilidade perene

Os anos seguintes até 1763, período abrangido pelo nosso manuscrito, testemunham a estabilidade e o enraizamento indestrutível da Obra. O carinho que ela suscitava, expresso em esmolas generosas, ultrapassava, em muito, os limites da cidade e da própria Diocese. As obras da Igreja prosseguiam sem descanso e o embelezamento dos interiores em prol de um cada vez maior esplendor dos atos de culto espevitava o zelo e a generosidade dos mesários, que, não raro, distribuíam entre si os custos dos materiais adquiridos. Entre eles avulta a figura do Presidente Pedro Carneiro de Figueiroa, sobrinho do Bispo da Guarda, D. Bernardo António Osório de Mello.¹⁶

Paulatinamente afirmava-se o prestígio da Igreja de Nossa Senhora da Lapa no meio das Igrejas portuenses – prestígio consolidado em virtude do regresso do Padre Ângelo de Siqueira, nos inícios de abril de 1761, correspondendo a insistências da Mesa Administrativa.¹⁷ O protagonismo da Lapa e do seu Fundador mostrou-se

 $^{^{\}rm 16}$ Pedro de Figueiroa acabou por se fazer clérigo. Outros Figueiroas continuaram a tradição da ligação da família à Lapa.

 $^{^{17}}$ Convém esclarecer que antes e depois desta data, o Fundador passava muito mais tempo em pregações pelas Comarcas do Norte e no recrutamento de irmãos do que na cidade do Porto.

bem visível após o terremoto de 31 de março de 1761 que, no dizer do autor do manuscrito, teve "a duração de oito minutos na ora do meyo dia", provocando maiores estragos nos edifícios do Porto do que o de 1755. Tendo sido interpretado como "um pregoeiro da ira divina", o novo tremor de terra e a seca prolongada suscitaram preces públicas e uma procissão de penitência que se realizou em 7 de abril, entre as três horas da tarde e as onze da noite, tendo o templo da Lapa servido de ponto de partida e também de chegada¹⁸. Rezam as crônicas que, transposta a Porta de Carros, a chuva impetrada fez sua aparição.

Entretanto, ano após ano, não obstante algum esmorecimento provocado pelas circunstâncias da Guerra dos Sete Anos e pela tardança das frotas do Brasil, prosseguiam as obras de construção da Igreja e de aproveitamento agrícola do monte em que ela se erigira. Depois da construção de um muro em volta do mesmo, plantaram-se árvores de fruto e de adorno e até se criou uma pequena horta.

O Padre Ângelo de Siqueira regressou ao Brasil em data que não podemos precisar. Mas antes disso, a Mesa Administrativa mandou pintar o seu retrato por ordem de 30 de maio de 1761, tendo gasto 24\$000 réis. Ignoramos o nome do Autor. Mas sabemos que em 1887 esse retrato foi restaurado por Francisco José de Resende, lente jubilado da Academia de Belas Artes do Porto. O preço do restauro foi igual ao da pintura original. ¹⁹ Este retrato tem uma importância acrescida visto que é a primeira imagem de um músico brasileiro²⁰.

No Brasil prosseguiu a sua atividade de Missionário Apostólico, ao serviço do culto da Senhora da Lapa. Faleceu no Rio de Janeiro em 7 de Setembro de 1776, contando presumivelmente 69 anos. Jaz sepultado na sua Igreja da Lapa do Desterro.

¹⁸ Eis o itinerário seguido: Rua de Santo "Ouvido", Fábrica, Campo das Hortas, Porta de Carros, Largo da Feira, Rua Chã, Igreja de Santa Clara, Sé Catedral e altar do Senhor d' Além, Bainharia, Mercadores, Ribeira, Fonte Aurina, Reboleira, Rua Nova, Cangostas, São Domingos, Rua das Flores, Caldeireiros, Ferraria de Cima, Porta do Olival, Carmo, Ferradores e Rua de Santo "Ouvido".

¹⁹ Arquivo Histórico da Irmandade da Lapa, *Libro que ha de servir para os termos das rezoluçoens da Meza*,fl.13

²⁰ Diósnio Machado Neto, O "atalaia"..., o.c.

Por ter sido fundador de santuários dedicados a Nossa Senhora da Lapa em Portugal e no Brasil, o Padre Ângelo de Siqueira converteu-se num polo de ligação entre os dois países. E o fato de ter sido um músico "profissional" de mérito tem posto ultimamente os musicólogos brasileiros na sua peugada portuguesa, o que deve ser sublinhado neste contexto.

B) O SEMINÁRIO-COLÉGIO DA LAPA

A fundação

O projeto da criação de um estabelecimento para a educação de jovens rapazes remonta às origens da Irmandade e foi o próprio Padre Ângelo de Siqueira, como foi dito, quem deu os primeiros passos para a sua efetivação. Depois de ter conseguido o prévio consentimento do Município para a fundação do Seminário, dirigiu-se à Corte mas nada terá conseguido. Todavia, mais tarde, muito depois do seu falecimento, a direção da Irmandade retomou a pretensão junto da chancelaria régia, desta feita com melhores resultados. Com efeito, Dona Maria I, por decreto datado de 12 de junho de 1792 autorizou os Irmãos da Lapa a abrirem duas aulas públicas, uma de ler, escrever e contar e outra de Gramática Latina, mas pondo-se de fora quanto às despesas, as quais teriam que correr por conta da Irmandade.

Com base nos elementos documentais disponíveis no Arquivo da Irmandade, podemos afirmar, no entanto, que foi apenas em abril de 1800 que foram recebidos os primeiros seis alunos. Não há registros anteriores a essa data e as referências indiretas sustentam a nossa convicção de que antes de 1800 não houve estatutos nem alunos.

Dispondo de modestas instalações, o Seminário-Colégio nunca ambicionou albergar um número elevado de jovens. O *numerus* clausus que lhe estava consignado pelos Estatutos era de 30, dos quais 12 (que aumentaram para 24 em 1860), seriam seminaristas, filhos de irmãos pobres, e como tal ensinados de graça. Por conseguinte, dois tipos de alunos: os gratuitos, filhos de irmãos pobres a que se chamava "os seminaristas", e os outros, os pensionistas que acabavam por pagar os custos dos anteriores.

Entre 1800 e 1832 há registro de frequência do total de 262 alunos, uns em regime de internato, outros como externos. Mas o número real deve ser superior, porque o exame dos livros de entradas deixa-nos a convicção de que nem todos os alunos que frequentavam gratuitamente o Colégio eram registrados.

Mas o que me interessa destacar tendo em vista o assunto deste ensaio é que desse conjunto de alunos, 38 foram originários do Brasil, de acordo com o quadro seguinte:

Procedência geográfica dos alunos do Seminário-Colégio da Lapa (1800-1832)

To a de origon	número de alunos	%
Zonas de origem	130	49,6%
Porto e seu Termo	27	10,3%
Entre Douro e Minho	46	17,5%
Douro e Trás-os-Montes	9	3,4%
Sul do Douro		4.5%
Outras localidades	12	14,5%
Brasil	38	

No fundo, o Seminário-Colégio da Lapa recebeu alunos das terras com as quais a cidade do Porto tinha uma ligação forte, incluindo as da América do Sul.

Os alunos provenientes do Brasil, já independente, vieram do Maranhão (8), do Rio de Janeiro (10), de Pernambuco (4), da Bahia (9), da vila de São Salvador de Campos (3, todos irmãos) e de São Paulo (1). Com todas estas cidades a do Porto manteve intenso intercâmbio comercial e humano durante o período em questão.

Como os meninos que vinham da América necessitavam de um tutor na cidade do Porto, não raro esse papel foi desempenhado por negociantes portuenses com interesses no Brasil.

Se considerarmos apenas o período que vai de 1823 a 1832 matricularam-se pela primeira vez no Colégio da Lapa 79 alunos. Destes, 35 eram brasileiros, o que significa mais de 1/3 dessas matrículas. Alguns, depois da frequência do Colégio da Lapa, prosseguiram estudos na Universidade de Coimbra.

Com as contingências do Cerco do Porto, o Colégio fechou portas para as reabrir apenas em 1838. Com este encerramento suprimiu-se um interessante canal de intercâmbio do Porto com as terras de Vera Cruz, que não mais se retomou. Foi pena, muito embora saibamos que o período mais pujante do Colégio da Lapa veio depois, na segunda metade do século XIX, período em que sob a direção de Ramalho Ortigão, pai e filho, e outros, o Colégio recebeu alunos célebres, como Eça de Queirós, Ricardo Jorge, o Conde de Samodães e outros descendentes da burguesia e da nobreza do Norte do país.

Não devemos encerrar este capítulo sem lembrar um outro episódio com grande significado neste contexto: em junho de 1854 a Mesa Administrativa da Irmandade decidiu mandar à sua custa, anualmente, para alguma das cidades comerciais do Brasil, dois meninos de entre os filhos dos Irmãos educados no Colégio e de os recomendar através dos Membros da Mesa ou aproveitando a influência de qualquer dos irmãos, de modo que pudessem ficar bem empregados na vida comercial brasileira para depois se virem a estabelecer. Enquanto se não estabelecessem, a Irmandade obrigava-se a não os deixar desprotegidos.²¹ Desconhecemos o alcance prático desta decisão. Todavia, em outubro desse ano, a Mesa ofereceu 9\$600 réis metálicos para a passagem para o Rio de Janeiro do filho de um irmão que havia desempenhado cargos administrativos²².

²¹ Arquivo da Irmandade, *Livro de Actas nº 1*, fl. 156-156v.

²² Arquivo da Irmandade, Livro de Actas nº 2, fl. 1v.

No ano seguinte foi o sacristão Luis Megre que se despediu para embarcar para o Brasil. Por conseguinte, foi a própria Irmandade que estrategicamente incrementou e preparou a emigração.

C) O CORAÇÃO DE D. PEDRO IV

O terceiro elo, o mais forte simbolicamente, foi a figura de D. Pedro IV de Portugal, I do Brasil. Por que? Porque o seu coração repousa na Igreja da Lapa da cidade do Porto, em monumento erigido na capela-mor, do lado do Evangelho.

Que motivações teria D. Pedro para lhe ter ocorrido essa ideia tão invulgar, quase única, de legar o seu coração a uma cidade, precisamente ao Porto? O coração efetivamente não foi legado expressamente à Lapa, mas à cidade. Por isso, ainda hoje a chave de acesso ao monumento guarda-se no Gabinete do Presidente da Câmara.

A Idade Média francesa está cheia de gestos semelhantes, podendo até afirmar-se que houve nesse país um certo culto ao coração do Rei. A doação do coração do rei tinha, pois, precedentes históricos. Mas, neste caso, houve outra razão: é que entre o monarca e a cidade portuense, não obstante o jeito autoritário e pouco popular do monarca, desenvolveu-se uma fortíssima empatia durante um curto mas dramático período que foi o do Cerco do Porto (1832-33) em que o Rei-Soldado garantiu em Portugal a vitória definitiva do Liberalismo.

Ora, D. Pedro morreu novo em Queluz, em 24 de setembro de 1834. Na véspera do seu precoce e triste apagamento, pelas quatro horas da manhã, sentindo-se desfalecer, dirigiu-se aos Brasileiros, manifestando-lhes a sua dedicação e aproveitou para ditar algumas últimas vontades. Entre elas, destaca-se a de deixar o seu "coração à heroica cidade do Porto, teatro da minha verdadeira glória...".

Ora cumprindo a sua vontade, no dia 7 de fevereiro de 1835 ancorou na Ribeira do Porto o navio Jorge IV, que desde Lisboa

trouxe o precioso legado que foi transportado processionalmente até à Igreja da Lapa, onde foi depositado e permanentemente guardado por militares até ao dia 9 de fevereiro de 1837, enquanto se construía o mausoléu. Nesse dia o coração foi definitivamente encerrado no monumento funerário, construído para o efeito na Capela-Mor da Igreja, onde ainda se encontra, guardado num escrínio de prata dourada na qual se gravaram duas inscrições, uma em latim outra em português, que dizem o seguinte:

"A DEUS ÓTIMO E MÁXIMO

D. Pedro, Duque de Bragança, Fundador da paz, doador e vingador das liberdades públicas, havendo por impulso da Divindade, e com a sua grandeza de alma aportado às praias do Porto, e tendo aí pela força do Exército que comandava, e pela grande e quase incrível ajuda que lhe prestaram os Portuenses, vingado ao mesmo tempo, e com estas armas a Portugal, tanto do Tirano que o oprimia, como de toda a sua facção, elegendo o Duque por isto mesmo, e ainda em vida, aquele lugar aonde tão magnanimamente expôs a própria vida pela Pátria para nele depois da morte descansar o seu Coração. Amélia, augusta e amantíssima consorte do Duque, querendo de boa vontade, e com razão cumprir o voto de seu Esposo, encerrou reverentemente nesta Urna os despojos mortais do Coração de seu Marido".

Do outro lado, a inscrição em português reproduz parte da proclamação do próprio D. Pedro aos portuenses, nestes termos:

"EU ME FELICITO A MIM MESMO

Por me ver no Teatro da minha gloria, no meio dos meus amigos Portuenses daqueles a quem devo pelos auxílios que me prestarão durante o memorável sítio, o nome que adquiri, e que honrado deixarei em herança a meus filhos. Porto, 27 de Julho de 1834. D. Pedro, Duque de Bragança".

Por sua vez, na lâmina de cobre pregada na porta de carvalho que fecha o mausoléu existe uma inscrição em latim, cuja tradução é a seguinte: